



Nélida Piñon: na ladeira íngreme da crítica, um sobe e desce de opiniões*

*Este texto foi apresentado no II Congresso Internacional de Literatura Brasileira – Nélida Piñon, que teve lugar em Salamanca, em novembro de 2018, quando a escritora brasileira foi a homenageada do evento. Optou-se por manter o texto na íntegra, sem fazer acréscimos sobre a produção da autora ou sobre os registros críticos posteriores a essa data

Nelida Piñon:
on the steep hill of the critics, a seesaw of opinions

Maria Eunice Moreira 

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

poa.mem@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 25/09/2021

Aprovação | Accepted: 14/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022

RESUMO

Autora de uma bibliografia extensa, Nélida Piñon é ainda uma escritora ainda pouco estudada e pouco citada nos estudos literários brasileiros, oscilando entre períodos de maior fulgor e outros de menor brilho. A crítica movimenta-se em um sobe e desce de opiniões; as histórias da literatura brasileira, publicadas a partir da década de 1960, praticamente desconhecem seu nome. Este texto analisa os principais comentários críticos e procura levantar hipóteses para o silenciamento sobre a obra de Nélida Piñon.

Palavras-chave: História da literatura, Crítica, Silenciamento, História, História Literária

ABSTRACT

Nélida Piñon, the author of an extensive bibliography, still hasn't been thoroughly studied. Her works are barely cited in Brazilian literary studies and oscillate between receiving some spotlight and slight obscurity. The critics move in a seesaw of opinions: the records of Brazilian literature, published from the 1960s, are practically unaware of her name. This text analyzes the main critical remarks and aims to hypothesize on the silencing of this writer's work.

Keywords: Literary History, Criticism, Silencing, History, Literary history

:

1. Considerações

Autora de uma bibliografia extensa, distribuída entre romances, contos, traduções, conferências, com presença atuante em seminários nacionais e internacionais, oradora exímia, membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira de número 30, desde 1990, Nélida Piñon é ainda uma escritora pouco estudada e pouco citada nos estudos literários brasileiros. Tomando por referência as histórias da literatura publicadas no Brasil, a partir da década de 1960 (que coincidem com as primeiras produções da autora), seu nome praticamente é desconhecido dos textos historiográficos. As últimas histórias da literatura brasileira – a de Carlos Nejar (2007)³⁹ e a de Martim Vasques da Cunha (2015) – sequer mencionam a obra dessa escritora nas suas avaliações. Curiosamente, é na *História da Literatura Brasileira*, da italiana Luciana Stegagno-Picchio, publicada no Brasil, em 1997, que se encontra um pequeno comentário sobre a autora de *A república dos sonhos*:

De origem galega, também Nélida Piñon (n. 1934) sabe conjugar experimentalismo e realismo, paixão humana e grafismo de vanguarda no seus requintados contos e romances (...) Escritora aristocrática, Nélida, por suas atmosferas rarefeitas, por sua frequência de um mundo hiper-real, tornou-se nos últimos anos nome de referência imprescindível no quadro da

ficção brasileira e hispano-americana. (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 649)

Nélida registra uma trajetória singular também na crítica literária. Entre seu primeiro livro publicado, em 1961, e Congresso Internacional de Salamanca de 2018, onde foi homenageada, transcorreram 47 anos de vida literária. Entre a primeira menção especial recebida por sua obra, o Prêmio Walmap 69, que obtém para seu quarto livro, *Fundador*, vários prêmios, condecorações, títulos de *Doutor Honoris Causa* se acumularam em sua biografia, nesses quase 50 anos. No entanto, críticas menos favoráveis atravessam sua trajetória e os pontos negativos de sua produção incidem sobre sua nacionalidade (estrangeira ela própria em seu país, em função da ascendência galega), o caráter aristocrático de seus textos e o misticismo existencial e literário de sua obra. Pode-se dizer que Nélida Piñon conhece períodos de maior fulgor, sombreados por outros de menor brilho, ou seja, no campo literário brasileiro, como observa Carmen Villarino, a escritora “ha passado de lugares periféricos a otros más centrales”. (VILLARINO PARDO, 2010, 92)

Pretendo, com este trabalho, recuperar alguns desses momentos – centrais ou periféricos – para buscar entender a

³⁹ Carlos Nejar publicou a segunda edição da História. E, em... e nela inserir o seguinte comentário sobre Nélida Piñon:

oscilação crítica na avaliação de sua obra e os motivos pelos quais Nélida Piñon ainda não desfruta de um lugar ao sol –

expressão do escritor Erico Verissimo – no que diz respeito à sua inserção na crítica literária e na história da literatura brasileira.

2.As histórias da crítica

Nélida Piñon surge em livro em 1961, quando vem a público o *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, romance editado pelas edições GRD, do Rio de Janeiro, uma editora de pequeno porte, no mercado editorial. A situação política era difícil: nesse ano, em janeiro, Jânio Quadros, o homem que pretendia limpar o Brasil e cujo símbolo de campanha fora uma vassourinha, assume o governo da nação brasileira, para cumprir um breve e tumultuado mandato: em 25 de agosto, ele renuncia, deixando o cargo nas mãos do Presidente da Câmara. Dias mais tarde, o Congresso Nacional vota o regime parlamentarista e o vice-presidente João Goulart é empossado como presidente da República. A série de fatos que se sucedem nos anos seguintes culminará no golpe de Estado de 1964, na tomada do poder pelos militares e no fechamento do Brasil, com imposição da tortura e do exílio aos inimigos nacionais.

Em 1965, Nélida recebe uma bolsa de estudos concedida pelo governo norte-americano, *Leader Grant*, e viaja para os Estados Unidos, onde desfruta de acolhida como escritora e abre espaços para iniciativas que terão repercussão futura na sua carreira literária. “Considerada como a

representante mais significativa dos jovens criadores brasileiros” da década de 1960, seus textos começam a aparecer em programas acadêmicos de universidades americanas (New York University), ao lado de escritores brasileiros, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. (VILLARINO PARDO, 2010, p. 107). Dessas relações com outros editores e colegas de ofício resultam as primeiras traduções de seus textos para o Inglês e as primeiras observações da escritora sobre o ofício da escrita nos Estados Unidos e no Brasil: “Há dez anos que eu faço literatura no Brasil. Não ganhei nada, nunca. O único dinheiro que eu ganhei foi nos Estados Unidos”. (VILLARINO PARDO, 2010, p. 100). Com esse ganho, Nélida viaja para a Espanha e lá permanece por dois meses. A Espanha é a pátria de seus antepassados; o lugar, Barcelona, é a cidade ideal para suas circunstâncias, onde vivem muitos de seus amigos.

No entanto, talvez outras razões e não só a boa situação financeira a tenham levado a sair do Brasil. Em *Coração andarilho*, confessa: “Eu tivera razões para me afastar do país, desgostosa com “o regime militar que afetara cruelmente meu coração, o ânimo de criar”. (PIÑON, 2009, p. 212).

O momento acarreta profundas mudanças em sua carreira: Nélida não só transita entre dois continentes – a América do Norte e a Europa; forma um sólido capital cultural com as relações que estabelece com agentes e colegas da literatura; adquire maior estabilidade financeira e emocional, como também produz uma obra variada em gêneros. Ao final da década de 1970, é uma jovem escritora com quatro livros publicados: *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961 - romance), *Madeira feito cruz* (1963 - romance), *Tempo das frutas* (1966 - contos) e *Fundador* (1969 - romance). Nessa fase bastante fértil em termos de produção, recebe a “Menção Especial do Prêmio Walmap 69” para seu quarto livro, *Fundador*. O prêmio Walmap surgiu em 1964 e durante mais de uma década foi o mais importante concurso literário brasileiro, revelando até 1975, quando foi extinto, importantes talentos da literatura brasileira.

Três anos depois, em 1972, publica *A casa da paixão*, livro que tem boa recepção e com o qual obtém nova premiação, agora o Prêmio Mário de Andrade como o melhor livro de ficção do ano. *A casa da paixão* é lançado após sua volta de outra temporada no exterior, agora em New York e Washington, de onde escrevia matéria para jornais brasileiros nas quais abordava temas relativos às reivindicações das mulheres, e à posição da mulher e escritora. De certa forma, Nélida se inscreve num debate contemporâneo – o do empoderamento da mulher e a busca de espaço na sociedade masculina e patriarcal – mesmo no período de maior fechamento no Brasil, em virtude do regime militar e

das medidas coercitivas sobre a cultura, determinadas pelos governantes.

O ano de 1973 foi promissor na carreira de Nélida e trouxe maior visibilidade à sua obra, especialmente após o sucesso de *A casa da paixão*: seu livro *Fundador* é traduzido e publicado na Argentina, pela editora Emecé, fato que impulsiona a sua reedição no Brasil, em 1976, pela Editora Labor, em uma coleção de Livros de Bolso; sai também, no Brasil, um novo livro de contos, *Sala de armas*, pela editora José Olympio. Pouco a pouco, a ladeira íngreme parece estar sendo galgada com outros empreendimentos e maior acolhimento da obra entre o público brasileiro e latino-americano. Nélida encontrava-se bastante motivada e sua produção literária expressa essa fase positiva: em 1974, lança *Tebas do meu coração*; em 1977, *A força do destino* e inaugura a década de 1980 com novo livro de contos, *O calor das coisas*.

O campo está aberto para a recepção de seu novo livro, talvez o mais importante em sua carreira de ficcionista: *A república dos sonhos*, de 1984. Os tempos se anunciam como novos: a ditadura militar estava chegando ao fim e o mercado editorial apresentava outras condições aos escritores, encaminhando-se para uma maior profissionalização tanto de produtores quanto dos meios de circulação do produto literário. Isso pode ser observado não só pelo maior cuidado no setor gráfico das publicações, maior tiragem de obras, mas sobretudo pela posição dos escritores em relação ao produto literatura. Como

observa Karl E. Schollhammer, “na década de 1980, discutia-se no Brasil, a questão da profissionalização, do escritor” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 46), o que provoca a consciência entre os autores “de que a literatura era também produção e mercadoria” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 46).

As modificações que ocorrem no campo literário passam a exigir a presença de outros sujeitos, como os agentes literários, figuras capazes de estabelecer aproximações entre o escritor e o mundo editorial. Cada vez mais, o livro torna-se mercadoria a ser negociada e cabe ao agente abrir as portas para esse novo comércio. A catalã Carmen Balcells assume posição de destaque na promoção da escritora brasileira (e dos escritores hispano-americanos em geral). Balcells coloca esses escritores no circuito internacional: promove sua presença em eventos e comitês de assessoramento de instituições governamentais e organiza verdadeiras “expedições culturais”, como registra Carmen Villarino, (VILLARINO PARDO, 2010, p. 95) para divulgação de livros e autores.

Apesar, porém, dessas iniciativas, *A república dos sonhos* não conhece sucesso imediato. Com mais de 700 páginas, o livro aborda os imigrantes que chegaram ao

Brasil no início do século XX e traça um painel da vida social e política do país entre 1913 e 1980, inovando no que diz respeito à estrutura e à concepção de romance, ao adotar uma perspectiva “constelar – a expressão é de Mussa – (MUSSA, 2015, p.10) na sua escrita. Trinta anos mais tarde, ao preparar a edição comemorativa da obra que chegou às livrarias com tiragem de 5000 exemplares e contabilizava um total de 60 mil cópias vendidas até então, Alberto Mussa, ele próprio autor de romances históricos e responsável pelo ensaio que abre a nova edição, reconhece a importância dessa obra, ao afirmar: “A república dos sonhos é, em todos os sentidos, um romance total, um romance perfeito”. (MUSSA, 2015, 8)².

Nélida precisou, portanto, esperar 30 anos para que reconhecessem a importância de sua obra. Ela mesma declarou: “Percebi que havia a intenção velada de não abrir espaço para o livro. Ou seja, ignorar. Tornar invisível”. (PIÑON, 2015³). Entre as razões para esse descaso, a própria autora observou: “Estranharam que uma mulher pudesse fazer um livro de dimensão épica. A mulher só estaria destinada a textos intimistas”. (PIÑON, 2015⁴). Mussa justifica a desatenção por outro motivo: “Acho que houve uma fixação excessiva em Clarice Lispector. Nélida, para mim, é bem superior. E aí acontece aquela coisa

² MUSSA, Alberto. A emersão de Atântida. In: PIÑON, Nélida. *A república dos sonhos*. Edição comemorativa de 30 anos. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 8

³ PIÑON, Nélida. Essa declaração encontra-se na seção Perfil, assinada por Álvaro de Lima e Silva, publicada no caderno

“Ilustríssima”, da *Folha de São Paulo*, em 13 de setembro de 2015.

⁴ PIÑON, Nélida. Essa declaração encontra-se na seção Perfil, assinada por Álvaro de Lima e Silva, publicada no caderno “Ilustríssima”, da *Folha de São Paulo*, em 13 de setembro de 2015.

brasileira: se já existe uma grande escritora, por que outra?”. (MUSSA, 2015⁵).

O fato é que *A república dos sonhos* estabelece na ficção de Nélide Piñon um ponto de inflexão de sua produção. Em 1987, ou seja, três anos depois de seu lançamento e contrariando a recepção inicial, o romance foi duplamente premiado: recebeu o Prêmio da Associação de Críticos de Arte como a melhor ficção de 1985 e recebeu igualmente o Prêmio Pen Clube, nesse mesmo ano. Alberto Mussa parece ter acertado ao caracterizar o romance com três adjetivos: “seminal, total e perfeito”. (MUSSA, 2015, p. 8)

Os anos posteriores podem dar conta novamente do percurso íngreme de Nélide na ladeira das letras. Após *A república dos sonhos*, lança *A doce canção de Caetana* e recebeu por essa nova obra mais uma premiação: a União Brasileira de Escritores concedeu-lhe o Prêmio de melhor romance de 1987. Tudo parecia ir bem: em 1992, a autora brasileira ganhou página inteira no Sunday Book Review, suplemento literário do jornal *New York Times*, em função da tradução do romance para a Língua Inglesa pela editora Alfred A. Knopf. Segundo Álvaro Costa e Silva, o romance “foi posto nas alturas – e Nélide comparada até a Cervantes”. (LINS E SILVA, 2015). Durou pouco a excelente recepção, que logo foi demolida pelas palavras de Paulo Francis, o jornalista brasileiro que vivia em New York e cuja palavra ácida era sua marca

registrada. E, no caso de Nélide Piñon, mais uma vez ele destilou seu fel: “Mordisquei seus livros. São ilegíveis. Ela não sabe escrever, ponto. Uma falsa angústia reprimida e um pseudomisticismo permeiam sua obra. A única questão interessante é saber se Ms. Piñon acredita na própria publicidade”. (LINS E SILVA, 2015).

A avaliação de Paulo Francis precisa ser relativizada e pode ser lida pelo avesso, demonstrando que de negativa ela passa a positiva: um jornalista de seu porte não dispensaria comentários à obra de uma autora que não desfrutasse de consideração, ainda que seja para acusá-la de não saber escrever, condição primeira para o ofício. Francis certamente tinha conhecimento de que os livros de Nélide Piñon figuram nos programas acadêmicos de New York University ao lado das obras de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, que compõem o programa de disciplinas dessa mesma Universidade. A ligação da autora de *A república dos sonhos* com os Estados Unidos é consistente e remonta à época da bolsa de estudos Leader Grant (1965). Francis ainda teria oportunidade de tomar conhecimento que, nos anos posteriores, o nome de Nélide Piñon marcaria presença mais forte nesse país: em 1992, seria galardoada com o título de *Doctor Honoris Causa* pela Florida Atlantic University (1996) e pela Rutgers University (1998). E seminários sobre sua obra seriam realizados na University of Miami, quando ela recebeu o Prêmio Nélide Piñon Prize in

⁵ MUSSA, Alberto. Essa declaração encontra-se na seção Perfil, assinada por Álvaro de Lima e Silva, publicada no caderno

“Ilustríssima”, da *Folha de São Paulo*, em 13 de setembro de 2015.

Brazilian Studies, e na Universidade of Oklahoma, quando foi nomeada Puterbaugh Fellow, ambos em 2005.

A par sua forte relação com o universo cultural e literário dos Estados Unidos, sua aproximação com o continente sul-americano estreitava-se principalmente através da amizade com os escritores do “boom” latino-americano e pelas premiações que vinha acumulando: o Premio Juan Rulfo, em 1995, o Prêmio Menendez Pelayo, em 2003 e o Prêmio Iberoamericano de Narrativa Jorge Isaacs, em 2001. Com esses destaques, concedidos por instituições da América, pela primeira vez, a uma mulher escritora de língua portuguesa, Nélida alça sua carreira e se internacionaliza cada vez mais, até chegar a alcançar o Prêmio Príncipe de Asturias de las Letras, concedido pela Casa Real de Espanha, em 2005. Ao mesmo tempo, avoluma-se sua participação em eventos internacionais, ocasiões de que se vale para declarar seu compromisso como mulher escritora, como representante da literatura brasileira e como defensora da língua portuguesa.

Desde pequena, Nélida parecia estar se preparando para esse grande debate. A intenção de se tornar escritora, definida aos dez anos, foi estimulada pela mãe, figura marcante em sua vida. Em *Coração andarilho*, Nélida comenta um episódio que se passa entre mãe e filha: “Disse-me que, embora fosse inteligente e perceptiva, tinha a linguagem precária e pobre” (PIÑON, 2009, p. 41) e que a solução para uma

escritora, como eu o pretendia ser, estava, também, em luzir palavras e ideias a fim de causar uma impressão duradoura”. (PIÑON, 2009, p. 41), lição materna que Nélida carrega para a vida.

Por outro lado, o olhar atento que mantém sobre a matéria para seus futuros escritos a leva à observação do núcleo familiar, onde convivem avós, tias, primas. É nesse primeiro espaço que ela desenvolve a percepção aguda com que aborda o universo ficcional feminino. Delas, afirma, inspirou-se na “possível desatenção da avó para criar a primeira mulher distraída de uma longa lista de personagens com esta característica” (PIÑON, 2009, p. 60). E completa: “Mulheres que, à margem da realidade canônica, defendiam-se dos ataques sociais sofridos mediante a adoção de um comportamento que desconsiderava tutores e algozes. Uma galeria de personagens que culminou com a construção de Eulália, do romance *A república dos sonhos*.” (PIÑON, 2009, p. 60).

É, portanto, no núcleo familiar que começa a se gestar a escritora. Ser escritora é uma tarefa que a menina e logo a adolescente assume como atividade a ser levada pela vida. Seu primeiro livro, escrito em um período de férias em Friburgo, no Rio de Janeiro, mescla a vivência familiar com a escrita romanesca, e ela própria confessa que aproveitou as férias escolares para escrever esse livro (PIÑON, 2009, p. 196). É possível observar que o processo de escrever, consciente para ela mesma,

constitui um *work in progress* que movimentará toda a sua trajetória. Contudo, se essa ideia – a de ser escritora – permeia as diferentes fases de Nélida, desde a infância, há outro ponto que parece ser problemático e que diz respeito à sua própria identidade: brasileira ou galega? Nacional ou estrangeira? Essa ambiguidade é significativa e talvez resida aqui um dos obstáculos para o reconhecimento, pelo público, da Nélida Piñon escritora brasileira.

Em *Coração andarilho*, Nélida registra: “Eu crescia. Firmava certas impressões sobre o país. As paragens brasileiras expressavam etnias, estilos, costumes, sabores, pensamentos, a língua do Brasil.” (PIÑON, 2009, p. 56). Ser brasileira e tornar-se brasileira era um processo pelo qual ela passava. Sua família, de origem galega, cultivava os hábitos da terra de origem, mas Nélida, vivendo a realidade do país eleito pelos avós, ainda se dividia entre uma e outra condição. Mais tarde, ao ser levada para a Espanha, para conhecer a terra dos antecedentes, essa dualidade torna-se mais evidente: na Espanha, é a brasileira; no Brasil, a galega. A ligação entre essas duas pátrias será feita por um elemento cultural que, desde criança, Nélida valorizava e exercitava – a língua brasileira. Conhecer essa língua e dela se apropriar, assumir a defesa da língua portuguesa e do lugar que essa língua ocupa no mundo constitui, a meu ver, o compromisso maior da escritora, que se quer brasileira. Sua atenção para com esse idioma é motivo de muitas de suas reflexões e intervenções públicas.

Em 1997, quando a Academia Brasileira de Letras assinalou 100 anos de existência, Nélida Piñon ocupava a presidência da instituição fundada por Machado de Assis. No discurso que proferiu nessa ocasião, intitulado “A pátria do verbo”, declara seu amor a essa língua e a reverência com que se vale dela: “Esta língua portuguesa, de feição arqueológica, perambula agora pelo coração do Brasil. O corpo sagrado do seu enigma resguarda-se nos descampados e nos grotões, acata os presságios das bruxas, pede emprestado ao vizinho farinha e sentimentos íntimos”. (PIÑON, http://www.nelidapinon.com.br/autora/inte/aut_discursos_patria.php)

Mas é na frase de abertura do discurso que pronuncia ao receber o Prêmio Príncipe de Asturias de las Letras, em 2005, que realiza sua profissão de fé ao idioma português:

Procedo del Brasil y reverencio la majestade de la lengua portuguesa. En este idioma saludo a Dios y a los hombres. Mi litania diaria es celebrar las leyendas de mi casa galega, de mi país, de toda la tierra que aspiro a conocer. La condición humana me obliga a retomar siempre a los lugares de donde partí, aunque jamás los hubiera visitado.
(<http://fundacionprincipedeasturias.org/premios/2005/nelidapinon/speech/>)

Sua condição de escritora brasileira é definida também nesse texto: “como escritora brasileña, huelo la brisa de la floresta y del mar, los códigos de mi identidade. Nada en mi borra el camino de regreso al lar brasileño”.

Escritora consagrada, figura intelectual de alta respeitabilidade, mulher cosmopolita, com passagens por diferentes continentes, conferencista, Nélida Piñon trafega com desenvoltura e segurança nos territórios mais diferentes do fazer literário. Dos colegas de profissão obtém os juízos mais positivos, com os prêmios recebidos preenche as prateleiras de seu apartamento no Rio de Janeiro. Jornalistas das Américas e da Europa a sabatinam costumeiramente, reconhecendo nela a mulher atenta e afável para com todos. Seus romances são traduzidos e circulam em mais de vinte países. Nos últimos anos, os livros de sua autoria transitam por gêneros diferentes – *O presumível coração da América* – discursos, *Vozes do deserto* – romance (que receberia o Prêmio Jabuti por romance), *Aprendiz de Homero* – ensaios e *Coração andarilho* – memórias, expressam a multiplicidade de uma produção literária e singular e de extrema fertilidade.

Quando analisa as características dominantes no discurso literário brasileiro na contemporaneidade, em *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*, Beatriz Resende observa três evidências na produção das últimas décadas, ou seja, de 1995 para diante: a) a reconfiguração do próprio termo literatura, o que exige um sistema literário partilhado, com o ingresso de novas subjetividades no mundo da cultura; b) a inserção da literatura no movimento dos fluxos globais; c) a ruptura da tradição realista da literatura, em que “o documental e o ficcional podem conviver na mesma obra” (RESENDE, 2014, p. 14), provocando o fenômeno que ela denomina de “rasura do real”, que coloca em discussão o próprio conceito de ficção. Essas características não são alheias à Nélida que se mantém atenta às novas exigências de um mundo global, que encara o trabalho com a literatura como ofício e que discute o papel do literário no mundo da globalização. Ela própria em suas últimas obras investe na variedade de gêneros, garantindo outras das evidências de Beatriz Resende: a fertilidade da escrita literária devido ao movimento de abertura pelo qual passou o país, abrindo-se para a cultura, com festivais, feiras de livros, concursos, prêmios e inserção da literatura nas redes sociais.

3.Últimas Histórias

Apesar, porém, de todas essas condições que propiciam a circulação da obra de Nélida Piñon no circuito nacional e

internacional, e não obstante sua visibilidade como agente cultural intercontinental, reside, ainda, no Brasil,

um certo obscurantismo em relação a seus livros. Tomo por referência para confirmar essa invisibilidade dois fatores: a) de um lado, as últimas publicações de caráter historiográfico lançadas no Brasil, relacionando autores e obras mais significativos, nos diferentes momentos da história literária nacional; b) de outro, os registros do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior, órgão do Ministério da Educação, plataforma que centraliza informações sobre os trabalhos finais de mestrandos e doutorandos, no país.

– A história da literatura – Em 2007, Carlos Nejar, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira número 4, desde 1988, confrade, portanto, de Nélida Piñon na instituição fundada por Machado de Assis, lançou uma *História da literatura brasileira*, subintitulada “Da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade”, abarcando 500 anos de literatura, com o objetivo de tratar das transformações do literário nesse período. A obra, que tem o intuito de abranger a produção literária mais ampla, organiza-se por uma “perspectiva pessoal da literatura brasileira, desde os primórdios até a Geração de 60” (NEJAR, 2007, p. 12), recolhendo “do melhor que julgamos da criação literária contemporânea” (NEJAR, 2007, p. 13). Nejar define os critérios que norteiam sua obra: o gosto pessoal do autor e a qualidade da produção artística. Nélida, que inicia sua carreira literária em 1961, não estaria abrangida pela faixa cronológica definida pelo historiador, o que

justificaria sua ausência das 565 páginas desse volume. No entanto, essa lacuna fica gritante quando a comparamos com outro nome da mesma época: o da escritora Clarice Lispector. À autora de *Perto do coração selvagem*, Nejar escreve 22 referências, em momentos diferentes: cita-a ao lado de Guimarães Rosa e Juan Rulfo (NEJAR, 2007, p. 18), reconhece-a como gênio (NEJAR, 2007, p. 88) e dedica-lhe um subcapítulo poeticamente intitulado “Lispector: névoa úmida, paixão do silêncio”, que se estende da página 424 a 428. Nos seus comentários críticos sobre a obra de Clarice Lispector, aborda romances escritos na década de 1970, ultrapassando, portanto, a faixa cronológica previamente estabelecida, para avaliar obras de períodos posteriores, demonstrando uma verdadeira adoração à escritora.

Na segunda edição da *História da literatura brasileira*, em 2011, agora subintitulada “Da Carta de Caminha aos contemporâneos”, Nejar amplia a obra e nela acrescenta, entre outros, o subcapítulo “Nélida Piñon, de O fundador à República dos sonhos e às Vozes do deserto”, comentando e avaliando a produção da colega acadêmica num texto que se estende da página 863 à página 871. A primeira abordagem crítica diz respeito à nacionalidade da escritora: “Nélida é uma brasileira de alma galega, ou uma galega de alma brasileira” (NEJAR, 2011, p. 865), juízo esse que, em outros tempos, prejudicou sua carreira, por não considerá-la digna representante da literatura do Brasil. Numa perspectiva mais ampla, na continuidade do texto, o historiador destaca outros pontos da obra de Nélida: “maneira

astuciosamente a carnavalização (suscitada por Bakhtin) e o jogo sagrado/profano, com a ironia machadiana, tendo na matéria da memória o seu cuidar de honra, o seu cuidar de referências e de uma tradição que se adiciona ao mistério”. (NEJAR, 2011, p. 867).

Entre a edição de 2007 e a nova, de 2011, o autor de *História da literatura brasileira* parece redimir-se da falha anotada na primeira edição, para construir um texto que, embora privilegie alguns títulos da vasta produção ficcional de Nélide Piñon, descortina uma obra de alto significado para a literatura brasileira.

A pergunta logo se impõe: por que Nejar, colega de Nélide na Academia, não lhe dedica sequer uma nota, um comentário, uma observação, na primeira edição de sua *História da literatura*? Não atendia a obra de Nélide, em 2007, o gosto pessoal do historiador e, por isso, a excluiu de sua história da literatura? Que fatores justificaram a ausência dessa importante escritora brasileira, impedindo que ela figurasse no cânone eleito por Nejar? Não fora ela a presidente da instituição que compartilham, onde dividem sessões de trabalho e momentos amenos de conversa nos famosos chás dos acadêmicos? Essas e outras questões persistem e merecem ser averiguadas, posteriormente. Por ora, fica o registro e as inúmeras perguntas que a lacuna suscita.

A outra obra sobre a história da literatura brasileira é de autoria do jornalista Martim Vasques da Cunha, intitulada *A poeira da glória* e subintitulada “uma (inesperada) história da literatura brasileira”, de 2015. Seu autor “quer assoprar poeira” (CUNHA, 2015, p. 17), ou melhor, a partir do descaso de seus colegas para com a leitura e a literatura no Brasil, pretende “analisar um determinado estado de coisas e descobrir por que estamos nesta situação de calamidade pública e privada que contamina o país desde o descobrimento” (p. 19). Cunha quer retirar a poeira de alguns juízos viciados e inadequados. Com esse afã, porém, desconsidera a obra de Nélide Piñon, no alentado volume de 628 páginas.

Importante índice de consulta sobre a literatura brasileira, o Catálogo de Teses e Dissertações constitui, atualmente, um dos grandes cadastros disponibilizados pelo MEC para consulta de informações relativas a dissertações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas no Brasil, desde 1987. Nele constam a versão completa dos trabalhos gerados na pós-graduação brasileira, como metadados (autor, título e/ou palavra-chave) desses arquivos, de modo a facilitar a consulta dos usuários. Trata-se, portanto, de fonte fidedigna da produção dos egressos, pois a plataforma é alimentada pelos programas de pós-graduação que os titulam.

Num levantamento realizado no dia 7 de setembro de 2018, obtive para o nome “Nélide Piñon”, 507 resultados, assim

especificados: 294 dissertações de Mestrado e 197 teses de Doutorado produzidas entre os anos de 1996 a 2018. Num recorte mais específico, é possível obter resultados ano por ano, em 22 anos. Tomando por baliza os últimos 5 anos, obtém-se o seguinte escore: 2013 – 10; 2014 – 12; 2015 – 13; 2016 – 11; 2017 – 9; 2018 – 3. Os dados são significativos e

comprovam o interesse dos pós-graduandos pela obra da autora de *A república dos sonhos*. No entanto, numa análise mais detalhada, é possível observar a estabilidade numérica desses estudos, que não variam muito entre os anos de 2013 a 2018, permanecendo entre 9 a 13 trabalhos por ano, no período.

4. Considerações Finais

Entre altos e baixos, curvas ascendentes e descendentes, num sobe e desce de opiniões, Nélida Piñon chega ao ano de 2018 no auge de sua performance: em 8 de março a Associação de Cooperação Internacional e Codesenvolvimento Coletivo Brasil Catalunha, distribuía o Prêmio Nélida Piñon, em sua oitava edição. Um prêmio já recebido por Gloria Casaldàliga, Mar Rubiralta, Jabu Morales, Maria Helena Bedoya, Ângela Assis e Adriana Piscitelli, entre outras homenageadas.

Em 2018, em Salamanca, realiza-se o I Congresso Internacional de Literatura Brasileira - Nélida Piñon em *A república dos sonhos*, reunindo especialistas do mundo inteiro para discutir sua obra e para homenagear a escritora no ano em que comemora 80 anos de vida, contabiliza mais de 20 livros publicados, incontáveis prêmios e distinções, participação em júris, congressos e eventos, enfim, uma dama com circulação internacional. Apesar de todo esse reconhecimento e da posição que desfruta nos meios nacionais e

internacionais, por que a crítica não lhe é mais receptiva? Por que sua obra não frequenta com mais assiduidade os programas dos espaços acadêmicos? Por que então ela repetiu em uma entrevista: “Eu estou preparada para ser esquecida... temporariamente”, numa espécie de sentença que guarda um certo ressentimento.

Nélida Piñon encontra-se no patamar da literatura brasileira e a oscilação entre momentos de maior fulgor com outros de menor brilho talvez justifiquem-se por alguns fatores. Levanto hipóteses, mas não me atrevo a assumir uma justificativa:

- Nélida é tida mais como a mulher internacional que gravita entre o mundo dos intelectuais e sua literatura é expressão desse elitismo?
- Nélida é brasileira, mas para seus leitores seu coração pertenceria à Galícia, à terra dos antepassados?

- Nélida é comparada à Clarice e, nesse caso, o intimismo e o misticismo da autora de *A hora da estrela* sobrepuja o da autora de *Vozes do deserto*?

- Nélida não superou o requinte da escrita e do grafismo, e aristocraticamente vive a sua vida de escritora?

Essas questões não têm resposta, por ora. Talvez a própria Nélida viva a sua máxima, aquela que assumiu quando decidiu ser escritora: “Se resolvi ser escritora, eu não podia fraquejar. Gritinhos de mulher, ai, ai, ai, nunca!” Ou talvez ainda persista na crítica brasileira a avaliação da italiana Luciana Stegagno-Picchio sobre a escrita de nossa homenageada: “Nélida conjuga experimentalismo e realismo”⁶, requinte nos contos e nos romances, é criadora de atmosferas rarefeitas e dona de uma escrita aristocrática. Sou levada a pensar

que, na opinião de Alberto Mussa, encontra-se fundamento para explicar a insegurança da crítica e a ausência da história da literatura sobre a obra de Nélida. Para esse estudioso, Nélida Piñon carrega o signo da inovação, desde seu primeiro livro. Diz Mussa: ela “já o fez abrindo nova senda, inaugurando uma linhagem romanesca – ao unir, entre outros elementos, um fundo verdadeiramente mítico a essa dicção tragicizante”. (MUSSA, 2015, p. 10).

A persistir esse julgamento, sobe Nélida e desce a crítica. Incapaz ou despreparada para reconhecer as inovações e os novos rumos provocados por sua obra, oscila entre a certeza e a dúvida, ficando a obra nesse sobe e desce de opiniões. Esse parece ser o caminho dos desbravadores: muitas vezes por receio, a crítica pode ser impiedosa para com eles.

⁶ STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 649

BIBLIOGRAFIA

- COSTA E SILVA, Álvaro. A ladeira íngreme de Nélida Piñon. Ilustríssima, Folha de São Paulo, 17 set. 2015.
- CUNHA, Martim Vasques da. A poeira da glória. Uma (inesperada) história da literatura brasileira.
- MUSSA, Alberto. A emersão da Atlântida. In: PIÑON, Nélida. A república dos sonhos. Edição comemorativa 30 anos. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 7-26.
- NEJAR, Carlos. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Cpesul; Telos, 2007
- NEJAR, Carlos. História da literatura brasileira. Da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.
- PARDO, M. Carmen Villarino. Nélida Piñon en el sistema literário brasileño: la conquista de prestigio y procesos de profesionalización. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2010. Acessível: <https://www.researchgate.net/>.
- PIÑON, Nélida. A pátria do verbo. http://www.nelidapinon.com.br/autora/inte/aut_discursos_patria.php
- PIÑON, Nélida
(<http://fundacionprincipedeasturias.org/premios/2005/nelidapinon/speech/>)
- PIÑON, Nélida. Coração andarilho. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Possibilidades da nova escrita literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.